



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

15634 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT06 - Educação Popular

ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA JAGUARIBANA ZÉ MARIA DO TOMÉ: A FORMAÇÃO DE SUJEITOS SOCIOCULTURAIS NO VALE DO JAGUARIBE/CE

Lucas da Silva Cunha - UECE - Universidade Estadual do Ceará

Lia Pinheiro Barbosa - UECE - Universidade Estadual do Ceará

Agência e/ou Instituição Financiadora: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA JAGUARIBANA ZÉ MARIA DO TOMÉ: A FORMAÇÃO DE SUJEITOS SOCIOCULTURAIS NO VALE DO JAGUARIBE/CE

Autor ^[1]

Coautora ^[2]

1 INTRODUÇÃO

A proposta de criação da EFA Jaguaribana Zé Maria do Tomé surgiu a partir de diálogos e mobilizações entre líderes comunitários e a Comissão Pastoral da Terra (CPT) no ano de 2016. Após a realização desses diálogos originou-se a Associação Família Agrícola Jaguaribana (AEFAJA), entidade jurídica que junto à CPT deu início a consolidação dessa escola. A EFA Jaguaribana Zé Maria do Tomé é uma proposta educativa que articula os princípios da Educação Popular e da Educação do Campo voltada para o Ensino Médio Integrado de formação técnica em Agropecuária, fundamentada na Pedagogia da Alternância (PA) e Pedagogia Libertadora. Além disso, é uma escola que possui como princípios basilares a dialogicidade, a problematização e a reflexão crítica da realidade vivenciada como defende Paulo Freire (1968). A experiência pedagógica da EFA Jaguaribana Zé Maria do Tomé tem contribuído na formação dos sujeitos do campo

das comunidades do Vale do Jaguaribe constituindo-se ela mesma em uma mediadora de processos territoriais articulados por estes sujeitos socioculturais.

É importante destacar que a EFA Jaguaribana está inserida em um contexto territorial de intensas disputas por terra e água no município de Tabuleiro do Norte - Ceará, resultado da expansão do agronegócio na Chapada do Apodi, onde há inúmeras empresas explorando os recursos naturais dessa região em detrimento da população camponesa das comunidades próximas, ocasionando diversos impactos sociais, ambientais e territoriais conforme discutem Freitas (2018), Cavalcante (2019) e Sousa (2023). Diante desse contexto de demasiadas transformações e disputas envolvendo a questão agrária da região, surgem os seguintes questionamentos: Como a EFA Jaguaribana pode contribuir para a formação dos sujeitos que vivenciam esta realidade no Vale do Jaguaribe? Ou melhor, será que essa formação pode proporcionar a construção de sujeitos socioculturais capazes de compreender a dinâmica da questão agrária em que estão inseridos?

Este trabalho é um recorte de pesquisa em desenvolvimento junto ao Mestrado Acadêmico Intercampi em Educação e Ensino (MAIE), da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e busca aprofundar esses questionamentos partindo do pressuposto que essa escola se trata de “[...] um projeto contra hegemônico, ao buscar uma formação integral, valorizando os conhecimentos dos povos e se propondo a uma formação transformadora [...]” (MAIA *et al.*, 2020, p. 536). Defende-se a hipótese de que, por meio da atuação dessa escola, os sujeitos do campo podem construir uma consciência crítica e emancipatória do contexto em que estão inseridos, como também podem transformá-la em ferramenta de luta e resistência contra o sistema capitalista, utilizando os conhecimentos construídos como sua principal arma em busca de justiça e igualdade.

Utilizamos como metodologia o levantamento bibliográfico acerca da EFA Jaguaribana, bem como de outros projetos que se entrelaçam com a atuação dessa escola, buscando compreender os fundamentos dos processos formativos dos sujeitos socioculturais do campo. A fundamentação teórico-analítica da pesquisa se orienta a partir dos princípios da Educação Popular e da Educação do Campo, bem como da análise de documentos da EFA Jaguaribana, memoriais institucionais e do diálogo com os sujeitos sociocoletivos que constroem a experiência cotidiana da escola. O trabalho se encontra dividido em três partes: introdução, desenvolvimento e considerações finais. A introdução apresenta o panorama geral do contexto da EFA Jaguaribana, evidenciando os principais elementos da sua criação.

O desenvolvimento discute sobre a importância educativo-pedagógica e política da Educação Popular e da Educação do Campo, bem como da atuação dessa escola para a formação dos sujeitos do campo, identificando os principais

processos formativos e projetos que se relacionam com o seu desenvolvimento no Vale do Jaguaribe. Por fim, as considerações finais constataam os principais resultados deste trabalho.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 A importância da Educação Popular e da Educação do Campo para as populações camponesas

Na trajetória do pensamento pedagógico latino-americanos, a Educação Popular constitui uma referência na defesa da dimensão política do ato educativo e na formação da consciência crítica da condição de ser oprimido, bem como no processo de constituição de um sujeito histórico-político que toma para si a tarefa de forjar seu processo de emancipação (Coautora, 2020). Nesse sentido, a Educação Popular constituiu-se um movimento político e pedagógico de reivindicação do direito à escola, ao tempo em que defende que a construção do conhecimento não se limita à ela, uma vez que há um conjunto de saberes e conhecimentos que são parte de um processo formativo histórico e coletivo. Paulo Freire (1968) foi um dos precursores da Educação Popular e da tese de que o acesso à educação, à aprendizagem da leitura e da escrita, são parte do processo de humanização do “ser oprimido” na busca do *ser mais*. A trajetória histórica da Educação Popular abriu caminho para outras experiências educativo-pedagógicas em defesa do direito à educação e à escola, como é o caso da Educação do Campo e das experiências pedagógicas articuladas pelos povos do campo.

A educação é um direito inalienável para todo cidadão. Mas, historicamente, assim como outros direitos fundamentais presentes na Constituição Federal de 1988, encontra-se diversas dificuldades para ser exercida de forma plena e universal. Além disso, quando tratamos da educação oferecida para as populações camponesas, indígenas e quilombolas, percebe-se que envolve um processo educativo marginalizado e excludente imposto pelo sistema econômico vigente, ocasionando inúmeros impactos na formação desses sujeitos. Por esse motivo, “a Educação do campo nasceu como crítica à realidade da educação brasileira, particularmente à situação educacional do povo brasileiro que trabalha e vive no/do campo” (CALDART, 2009, p. 39). Com isso, percebe-se que a Educação do Campo nasce dentro da realidade complexa do campo brasileiro, onde seus protagonistas são sujeitos que vivenciam um longo processo de luta pela garantia do acesso à terra, água, trabalho, saúde e educação, buscando condições dignas de vida no campo, bem como um projeto de educação que atenda às suas necessidades como é proposto pela EFA Jaguaribana.

Assim, ao tratar da Educação Popular e da Educação do Campo devemos

desenvolver uma interpretação que contemple seus objetivos, assim como a realidade onde estão inseridas as relações de trabalho no campo brasileiro e as lutas sociais existentes, que disputam com um “projeto de mundo” que está posto pela sociedade capitalista como o único possível.

Dessa forma, não se trata de uma luta que visa a simples construção de escolas rurais, e sim de escolas do campo, fundamentadas em uma concepção de educação para os sujeitos que vivem no/do campo, surgindo como uma aposta política frente ao processo formativo urbano-industrial imposto pela sociedade capitalista. É importante ressaltar que a nomenclatura da “Educação do Campo” não é uma referência ao meio onde o processo educativo ocorre, pois, segundo Caldart (2009) o ‘do’ no termo Educação do Campo é uma forma intencional de elencar que este movimento é diretamente ligado com o modo de vida dos camponeses. Diante disso, não é uma educação que ocorre ‘no’ campo e, sim, construída com os sujeitos dentro da luta social, onde acontece a “formação dos sujeitos coletivos, sujeitos que lutam para tomar parte da dinâmica social, para se constituir como sujeitos políticos, capazes de influir na agenda política da sociedade” (CALDART, 2009, p. 41).

Assim, a Educação do Campo carrega em si “[...] uma problematização mais radical sobre o próprio modo de produção do conhecimento, como crítica ao mito da ciência moderna, ao cognitivismo, à racionalidade burguesa insensata [...]” (CALDART, 2019, p. 44) desenvolvidos conforme as exigências do capital. Por isso, desenvolver esse tipo de educação não é tarefa fácil, pois não interfere somente no acesso da população do campo, mas atinge de forma significativa a “[...] produção do conhecimento, implicando outras lógicas de produção e superando a visão hierarquizada do conhecimento própria da modernidade capitalista” (CALDART, 2019, p. 44). Portanto, entende-se que a Educação do Campo se trata de um processo educativo fundamental e necessário para a construção política e identitária dos sujeitos que vivem no campo, tendo em vista a marginalização destes na educação formal, principalmente aos conhecimentos históricos inerentes a sua existência.

2.2 A atuação da EFA Jaguaribana Zé Maria do Tomé no Vale do Jaguaribe

A EFA Jaguaribana Zé Maria do Tomé encontra-se localizada na comunidade Olho D’água dos Currais do município de Tabuleiro do Norte – Ceará, onde realiza suas atividades baseadas em uma proposta de educação que valoriza a vivência experimentada pelos(as) discentes e suas famílias no campo brasileiro. Ou seja, possibilitando não só o acesso aos diversos saberes científicos construídos ao longo da história, mas também a oportunidade de os relacionar com seus saberes ancestrais que fazem parte do seu território. É importante ressaltar que essa escola

iniciou seu funcionamento em 2017, ocorrendo a “[...] primeira experiência educativa junto a jovens rurais, o curso ‘Escola Camponesa’, no qual foram trabalhadas temáticas da Convivência com o Semiárido e da Agroecologia” (LEMOS *et al.*, 2020, p. 2). Esse curso aconteceu em três etapas tornando-se fundamental para a formação da primeira turma da EFA Jaguaribana no ano seguinte.

Em abril de 2018, durante a VIII Semana Zé Maria do Tomé, ocorreu a aula inaugural com a primeira turma do curso técnico em Agropecuária, composta por 13 jovens de diversos municípios do Vale do Jaguaribe. Destaca-se que tanto esse evento quanto a EFA Jaguaribana carregam o nome Zé Maria do Tomé, tendo em vista a grande representatividade que este camponês e ambientalista teve na luta contra o uso dos agrotóxicos na Chapada do Apodi. Contudo, percebe-se que o processo educativo não ocorre apenas em escolas “oficiais”, mas também fora delas através de espaços como a EFA Jaguaribana, fruto da articulação de movimentos sociais e sujeitos que desejam uma escola que atenda às necessidades de todos e todas como camponeses, quilombolas e indígenas, e não apenas uma parcela da população como acontece no sistema educacional imposto pelo capitalismo.

Porém, para que isso seja efetuado na prática, é importante que o processo educativo esteja alinhado com as especificidades de cada região por meio da elaboração de um Plano de Formação (PF). Este plano tem caráter singular que busca a construção de um currículo adaptado e relacionado com o contexto social, político, econômico, cultural, profissional e ambiental de cada território. Esta, por sua vez tem como missão contribuir para a construção de um semiárido justo, saudável e produtivo, tornando-se espaço de discussão e engajamento nas lutas em favor do bem viver no semiárido. Além disso, proporciona e incentiva a participação dos sujeitos das comunidades do Vale do Jaguaribe em práticas diversas a partir da realização de outros projetos pela AEF AJA alinhados à Agroecologia e à Convivência com o Semiárido como: i) Projeto Escola Camponesa; ii) Projeto Sementes da Vida e iii) Projeto de Assistência Técnica e Extensão Rural.

O primeiro projeto foi realizado no ano de 2017, em parceria com a CPT e a Vale Assessoria, que promoveram um Curso Básico de Agroecologia para 20 jovens rurais oriundos de três municípios: Tabuleiro do Norte, São João do Jaguaribe e Potiretama. Esse curso proporcionou um espaço de formação contextualizado, tornando-se momento rico para troca de experiências e saberes, através do “[...] intercâmbio entre jovens em vista da construção de um projeto de vida da família camponesa” (AEFAJA, 2017, p. 36). O segundo projeto busca a melhoria da qualidade “[...] de vida das famílias agricultoras, fortalecendo sua autonomia, segurança e soberania alimentar e nutricional por meio do resgate,

recuperação e proteção de estoques tradicionais de sementes [...]” (AEFAJA, 2021, p. 20). Além disso, proporciona a “[...] construção de Casas de Sementes Comunitárias, formação em Agroecologia e fortalecimento da Rede de Intercâmbio de Sementes - RIS, uma rede de troca de sementes crioulas” (p. 20).

Desse modo, observa-se que essa ação possibilita aos agricultores obterem maior diversidade em relação aos estoques de sementes nativas como mandioca, feijão, arroz entre outros, sendo produzidas sem a utilização de agrotóxicos e alterações genéticas. Por último, o terceiro projeto tem como finalidade disponibilizar “[...] serviços de ATER visando apoiar o desenvolvimento da agricultura familiar-camponesa através de assistência técnica e extensão rural com foco na comercialização da produção” (AEFAJA, 2021, p. 32). Ou seja, “[...] são serviços prestados às comunidades rurais que colaboram na resolução de problemas voltados às questões da agricultura e pecuária assim como estimular a autonomia” (p. 32) das comunidades envolvidas.

Diante disso, nota-se que o desenvolvimento desses projetos proporciona uma formação voltada para a construção e a recuperação de conhecimentos do próprio território das comunidades rurais do Vale do Jaguaribe. Além do mais, demonstram as limitações e potencialidades de conviver no Semiárido adquiridas por meio de experiências vinculadas aos princípios da Agroecologia, permitindo que essas comunidades realizem suas atividades produtivas de forma sustentável e segura. É importante ressaltar que são muitos os projetos realizados pela AEFAJA em parceria “[...] com outras organizações que lutam pela Agroecologia e Convivência com o Semiárido, fortalecendo, dessa maneira, uma rede em favor do Bem Viver” (AEFAJA, 2021, p. 24). Portanto, destaca-se que o processo educativo realizado pela EFA Jaguaribana propõe estabelecer uma formação crítica e contextualizada a partir das vivências no campo e do diálogo entre os saberes e conhecimentos tradicionais com os conhecimentos científicos e técnicos, fortalecendo a formação integral dos sujeitos que vivem no/do campo.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da discussão realizada neste trabalho, foi possível perceber que construir e fundar escolas do/para o campo não tem sido um processo fácil para as populações camponesas, pois são muitas as ofensivas do Estado burguês e do agronegócio contra esses movimentos e processos educativos. No entanto, notou-se que a resistência e a luta desses sujeitos não param, e se manifestam de diferentes formas, proporcionando a partir das articulações coletivas o surgimento de projetos educativos-políticos desenvolvidos e consolidados, com a finalidade de fortalecer a luta em defesa da terra e do território, construindo identidades políticas e de pertencimento, como também a construção de outros conhecimentos para a

formação desses sujeitos como é o caso da EFA Jaguaribana.

Diante disso, apesar das complexidades e dos desafios encontrados na oferta da Educação do Campo, a EFA Jaguaribana surge como uma alternativa crítica e emancipatória para a realidade educacional da região em que está inserida, proporcionando uma prática educativa que valoriza as experiências dos(as) educandos(as), como também possibilita a formação de sujeitos socioculturais em defesa de seu território e do desenvolvimento socioambiental sustentável das comunidades rurais do Vale do Jaguaribe. Além disso, a realização de atividades e projetos relacionados com o contexto social, político, econômico, cultural, profissional e ambiental dos sujeitos do campo como os projetos citados anteriormente, possuem uma dimensão pedagógica que contribui para a construção de um semiárido justo, saudável e produtivo, proporcionando novos espaços de discussões e engajamentos nas lutas em favor do bem viver no semiárido.

Portanto, o papel da formação crítica e contextualizada apresentada pela EFA Jaguaribana Zé Maria do Tomé deve ocupar uma maior dimensão, permitindo a construção de conhecimentos próprios, o desenvolvimento de reflexões e análises acerca do espaço vivido dos sujeitos, a partir de suas vivências no campo, como ponto de partida na compreensão da realidade como um todo, ao mesmo tempo que fomenta uma maior autonomia durante o processo de ensino e aprendizagem, conforme Freire (1996). Conseqüentemente, segundo Deon e Callai (2018), esse tipo de formação implica uma nova forma de conhecer e interpretar, a partir de uma base conceitual, o contexto e as relações do mundo, criando possibilidades de transformá-las, e assim, oportunizando um conhecimento mais abrangente e integrado da realidade.

REFERÊNCIAS

AEFAJA, Associação Escola Família Agrícola Jaguaribana. **Memória Institucional (2016-2017)**. Tabuleiro do Norte: LC Gráfica e Editora, 2017, p. 01-44.

AEFAJA, Associação Escola Família Agrícola Jaguaribana. **Memória Institucional (2021)**. Tabuleiro do Norte: G Arte Gráfica, 2021, p. 01-60.

COAUTORA, 2020.

CALDART, Roseli Salete. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

_____. Educação do Campo: notas para uma análise de percurso. **Revista Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 35-64, 2009.

CAVALCANTE, Leandro Vieira. **“As firmas tomaram conta de tudo”**: agronegócio e questão agrária no Baixo Jaguaribe – CE. 2019. 398f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2019.

DEON, Alana Rigo; CALLAI, Helena Copetti. A educação escolar e a geografia como possibilidades de formação para a cidadania. **Revista Contexto & Educação**, Unijuí, v. 33, n. 104, p. 264-290, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

FREITAS, Bernadete Maria Coêlho. **Campesinato, uso de agrotóxicos e sujeição da renda da terra ao capital no contexto da expansão da Política Nacional de Irrigação no Ceará**. 2018. 325f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

LEMOS, Daniel de Souza *et al.* Escola Família Agrícola Jaguaribana Zé Maria do Tomé: Educação do Campo em tempos de resistência para o fortalecimento da agroecologia e a convivência com o semiárido. In: Congresso Brasileiro de Agroecologia, XI, 2020, São Cristóvão, Sergipe. **Anais...** Cadernos de Agroecologia, v. 15, no 2, 2020, p. 01-05.

MAIA, Adelita Chaves *et al.* Educação do campo na EFA Jaguaribana Zé Maria do Tomé: contextualização, agroecologia e Paulo Freire. **Revista OKARA: Geografia em debate**, João Pessoa, v. 14, n. 2, p. 532-543, 2020.

SOUSA, Jackson Araujo de. **Agronegócio e injustiça ambiental na Chapada do Apodi (CE): a convivência precária com o semiárido na fronteira do capital**. 2023. 224f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó, 2023.

Palavras-chave: EFA Jaguaribana. Educação Popular. Sujeitos Socioculturais.

[1] Mestrando no Mestrado Acadêmico Intercampi em Educação e Ensino (MAIE) da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Pesquisador da Rede Latino-Americana de Pesquisa em Educação do Campo, Movimentos Sociais e Cidades (REDE PECC-MS). E-mail:

[2] Docente da Universidade Estadual do Ceará, no Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) e do Mestrado Acadêmico Intercampi em Educação e Ensino (MAIE). Bolsista Produtividade PQ2-CNPq. Pesquisadora da Rede Latino-Americana de Pesquisa em Educação do Campo, Movimentos Sociais e Cidades (REDE PECC-MS). E-mail: